

A PARCERIA DA FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE ESSA RELAÇÃO

Leidiane de Carvalho Araujo¹; Francisca Samaritana Saudita de Oliveira Veras²; Damares Araújo Teles²

¹Universidade Federal do Piauí-UFPI. Email: leidy.md86@gmail.com

²Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: eng.agroveras@hotmail.com

²Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. E-mail: damares.teless@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da relação família e escola para a formação do aluno, apresentando inicialmente o conceito de família e seu papel nas atividades escolares diante do seu envolvimento direto e/ou indireto na escola. Para a realização desse estudo utilizamos a pesquisa qualitativa, especificamente o Estudo de Caso com aplicação de técnicas próprias da Etnografia, tais como observação participante e entrevista. Respalamos nossos estudos em autores como Brandão (2004), Ariès (1981), Szymamzki (2009), Carvalho (2004), Goldoni (2009), Mello (2006), Almeida (2005), Freire (1984), Tfouni (1995) e Silva (2012), dentre outros. Os resultados nos mostram que a família é essencial no processo de formação da criança e que o não acompanhamento de seu percurso escolar implica em seu desempenho nas práticas educacionais, podendo influenciar negativamente nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Família, Escola, Alfabetização, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico diz respeito a uma temática que vem gerando muitas discussões no que se refere ao papel e qualidade da educação na sociedade moderna. Trata-se da participação da família no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ressalta-se que esse envolvimento está cercado de muitas complexidades.

Assim, a escolha desse tema demonstra-se de suma importância, pois apontará os benefícios da relação estabelecida pelas duas instituições sociais, família e escola, bem como o papel de cada uma diante do processo. Ambas têm o mesmo objetivo, que é oferecer educação de qualidade que promova o desenvolvimento do indivíduo e capacite-o para a vida em sociedade, entretanto, cada uma atua seguindo papéis diferentes.

A escola atualmente divide a educação não somente com a família, mas também com outros ambientes sociais e meios de informação e comunicação. Contudo, a família constitui principal agente, em parceria com a escola, responsável pelo processo de formação

do sujeito, pois as vivências familiares são tão influentes quanto às da escola no processo educativo.

A família é vista como grupo social importante no desenvolvimento da criança e manterá suas relações, logo os sentimentos vivenciados serão importantes para a criança crescer e formar-se adequadamente. Esse contato familiar possibilita um saudável crescimento da criança, bem como a construção de boas posturas, personalidade e valores. A escola é apontada como sendo o outro grande grupo social no qual a criança irá estabelecer relações, onde haverá caminhos para a aprendizagem formal necessária, oferecendo à criança mecanismos para a formação do intelecto, desenvolvimento psicomotor, afetivo, dentre outros.

A boa relação entre família e escola é necessária e deverá acontecer a fim de garantir o melhor desempenho das crianças no processo de ensino e aprendizagem. Esses ambientes, trabalhando em parceria são importantes para a criança, pois agregam esforços em prol de sua formação, que encontrará estimulação, segurança e atenção por parte dos integrantes dessas duas instituições em que passa maior parte de seu tempo.

Este estudo tem como objetivo analisar a relação família e escola e sua importância na formação do aluno. Para tanto, procuramos conceituar e caracterizar a família e seu papel nas atividades escolares, destacando seu envolvimento direto e/ou indireto na escola. Diante do cenário exposto surgiu o desejo de nos aprofundarmos na pesquisa sobre as relações família e escola, considerando que o tema é relevante e atual, pois é alvo de constante estudo e debate. Nesse sentido, formulamos as seguintes questões que nortearam a investigação: qual a importância da participação da família nas séries iniciais do Ensino Fundamental? E no processo de alfabetização? Quais possíveis problemas envolvidos na relação para que não ocorra a parceria sólida e positiva entre escola e família?

METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa é um caminho para a construção do conhecimento. Refere-se tanto às orientações teóricas quanto às técnicas e aos instrumentos de investigação. Concorda-se com Demo (1995) que a metodologia da pesquisa é o caminho que conduz ao conhecimento relacionado tanto às referências teóricas quanto às técnicas e instrumentos de investigação.

O objetivo de nosso estudo é analisar o papel da família no processo de ensino e aprendizagem e sua participação nas práticas alfabetizadoras, colaborando com o trabalho de uma professora que leciona no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal na

cidade de Parnaíba-PI. Para o desenvolvimento do estudo escolhemos a sala de aula como ambiente de pesquisa, observando os aspectos que envolvem esse processo, assim optamos pela pesquisa qualitativa, que nos possibilita uma aproximação maior com o “objeto” de estudo.

A partir desse objetivo e pensando em obter uma maior aproximação com o objeto de estudo escolhemos como opção metodológica a pesquisa qualitativa, pois segundo os estudos de Godoy (GODOY, 1995b, p.58). Este tipo de abordagem se caracteriza pela obtenção de dados descritivos, procurando “compreender os fenômenos estudados segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”.

Outra característica importante apontada é o fato da pesquisa qualitativa buscar os dados em seu ambiente natural e, portanto, a habilidade e a experiência do pesquisador são fundamentais na coleta destes dados. Na pesquisa qualitativa o pesquisador passa a valorizar o fenômeno em seu acontecer natural, portanto precisa vivenciar as situações e confrontar as informações coletadas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Os dados obtidos nesta pesquisa são predominantemente coletados por meio de descrições de situações e fatos, o que inclui a produção de diário de campo, com registros escritos das observações, transcrições de entrevistas e questionários aplicados com os professores e pais.

Vários são os procedimentos iniciais para que aconteça a pesquisa qualitativa. Procedimentos esses que, segundo Minayo podem ser caracterizados em:

Determinar o meio para a entrada do pesquisador, em que se encontram os participantes da pesquisa; Dirigir aos interessados da pesquisa, mencionando as contribuições que as informações do participante poderão acrescentar à pesquisa; Explicar os motivos da pesquisa; Justificar a escolha dos participantes e assegurar o anonimato em relação às informações e sua utilização nos dados exclusivamente para a pesquisa. (1996, p. 57).

Nessa perspectiva, o caminho metodológico permitiu o trabalho de campo como possibilidade de conseguirmos além da aproximação daquilo que desejamos conhecer e estudar, criar conhecimento, partindo da realidade presente no contexto de investigação.

Envolvidos na vida escolar desses sujeitos e fazendo uso de dados descritivos derivados de observações, registros e anotações, foi possível compreender como a família tem um papel relevante no processo de ensino e como a escola pode favorecer este vínculo.

A pesquisa se desenvolveu da seguinte forma: tivemos o primeiro contato com o ambiente a ser estudado, observando o espaço escolar e o entorno que compõe a comunidade em que está localizada a escola, procurando compreender como funciona a instituição e quais

os problemas mais significativos. Após este momento realizamos observação na sala de aula, onde conversamos informalmente com a professora sobre sua prática em sala de aula e pudemos descrever as diversas propostas de ensino e aprendizagem.

Esse segundo momento foi realizado em um período de 3 (três) meses, nos qual observamos as aulas, onde podíamos identificar as práticas pedagógicas e metodologias utilizadas pela professora nas atividades de sala de aula.

O outro momento da coleta se deu através da entrevista semiestruturada, após as observações em sala, onde de maneira descontraída, a professora nos permitiu uma conversa mais direcionada sobre questões referentes à sua prática docente e a influência da família no cotidiano escolar. Os dados recolhidos tanto dessa técnica quanto das observações foram registrados em diário de campo, de forma a possibilitar posterior análise e planejamento da terceira fase da pesquisa, análise dos dados e escrita do relatório de pesquisa, caracterizando a “sequência circular de pesquisa”. (ALENCAR, 1999).

A EDUCAÇÃO E A ESCOLA EM SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

A educação perpassa a vida de um indivíduo em todas as suas fases como ser humano, seja ela formal ou informal, haja vista que é própria da natureza humana a curiosidade e, por conseguinte, a capacidade de aprender. A educação a princípio se faz pela via da informalidade nos processos de interação e de troca entre os indivíduos e se fez necessária desde o surgimento da espécie humana, seja com fins de sobrevivência física ou para o desenvolvimento das capacidades e ampliando a atuação do sujeito no contexto social.

Para entender a necessidade de educar a espécie humana, é necessário resgatar na história da educação o surgimento da escola no intuito de entender como se dá a separação entre educação formal e informal e como é produzido o distanciamento entre a família e o aparato escolar.

A educação nas tribos primitivas acontecia na transmissão de formas de sobrevivência repassadas entre os indivíduos nas relações. O homem primitivo evidenciava os ensinamentos nas formas de caçar para comer e fabricar ferramentas para facilitar essa ação. Ponce comenta sobre essa civilização:

[...] coletividade pequena, assentada sobre a propriedade comum da terra e unida por laços de sangue, os seus membros eram indivíduos livres, com direitos iguais, que ajustaram suas vidas às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos, homens e mulheres da tribo. (1986, p. 17).

De acordo com Mello (2006) o desenvolvimento era muito devagar, pois produziam apenas para o consumo e suas necessidades de sobrevivência. Na comunidade primitiva a criança se ajustava ao meio social, adquirindo habilidades dos adultos por meio da imitação no dia-a-dia e da transmissão informal entre gerações. A aprendizagem se fazia desde muito cedo, uma vez que a sobrevivência era primordial para continuação da comunidade. Para Ponce essa educação repassada na família caracteriza-se:

[...] estrutura homogênea do ambiente social, identificam-se com os interesses comuns do grupo e se realizam igualmente entre os seus membros, de modo espontâneo e integral: espontâneo na medida em que não existia nenhuma instituição destinada a inculca-los, integral no sentido que cada membro da tribo incorporava mais ou menos bem tudo o que, na referida comunidade, era possível receber e elaborar. (Ibid., p. 21).

Já na Antiguidade, a educação foi ampliada com a agregação de valores de gerações mais velhas e da Igreja. A civilização passou a organiza-se em classes, alterando a forma de interação. A sociedade passou a produzir além do necessário para o consumo, implicando no aumento do trabalho do homem e na utilização de animais nas tarefas domésticas. Surgiu nesse contexto, o intercâmbio entre as comunidades por meio da comercialização de produtos e o aparecimento de propriedades privadas.

A comunidade torna-se tradicional e apegada a costumes. Com a divisão de classes, a crescente complexidade do trabalho e o surgimento da propriedade privada, a sociedade dividiu-se de forma desigual, estratificando-se em pobres e ricos, que tinham possibilidades de vida bem distintas. Enquanto uns se restringiam a trabalhos pesados para manutenção do comércio os outros desfrutavam de privilégios oportunos da economia. Ainda de acordo com Mello:

O ideal pedagógico não é o mesmo para todos. Não só a classe privilegiada tem uma educação muito distinta, como ainda tenta fazer com que a massa trabalhadora aceite essa desigualdade imposta pela natureza das coisas, uma desigualdade contra a qual seria loucura se rebelar. (Ibid., p. 21).

Na Antiguidade do povo hebreu a educação caracteriza-se pelo “tradicionalismo teocrático”. Desde as mais remotas épocas, os hebreus, oriundos da caldeia, tiveram organização patriarcal. O ensino mantinha-se dentro da família, com a figura do pai no centro do saber e sendo válido tudo o que afirmava e determinava. (MELLO, 2006).

A fase da infância era influenciada pelo livro *Pentateuco*, que era uns dos livros da Bíblia que continha regras de conduta, orientando comportamentos. A disciplina mantinha-se ao extremo, utilizando inclusive de catibeiros como punição nos casos de maior severidade. O profeta, juntamente com a figura do pai, era muito respeitado, pois se considerava que

conhecia “as coisas” do mundo como poucos, como por exemplo, a natureza dos animais, a razão do tempo, noções da terra, forças dos ventos e noções medicinais. (Id. Ibid.). A autora complementa:

O método de ensino baseava-se na repetição e revisão. A forma dialogada, catequética, era de uso constante. O sábado e os dias festivos eram empregados para recapitular. Para fortalecer esse tipo de ensino, inventaram-se recursos mnemônicos. Também em alguns casos, os judeus faziam uso de métodos atraentes, sobretudo no ensino do alfabeto. (Id., Ibid., p. 29).

Na civilização grega, a educação e suas vivências se diferenciam quanto ao gênero, para a educação do homem temos experiências adquiridas no trabalho, fora de casa, fazendo articulações com o meio social mais amplo, já a mulher voltada para o lar e suas tarefas domésticas. Tinha uma visão de mundo mítica, tudo enraizados em algo além da racionalização, envoltos por uma história ou explicação sobrenatural. (MELLO, 2006).

Com a inserção da escrita, passou a surgir outros ideais, a reflexão do vivido passa acontecer e ter sentido indo além dos mitos tradicionais da comunidade. As formas de relacionar na sociedade se modificam com a escrita, que passa a mostrar caminhos de igualdade na civilização. Nas palavras de Chauí a respeito do povo grego:

Em primeiro lugar, a democracia afirmava a igualdade de todos os homens adultos perante as leis e o direito de todos de participar diretamente do governo da cidade, da *polis*. Em segundo lugar, e como consequência, a democracia, sendo direta e não por eleição de representantes no governo, garantia a todos a participação no governo e os que deles participavam tinham direito de exprimir, discutir e defender em público suas opiniões sobre as decisões que a cidade deveria tomar. (1995, p. 36).

Na educação grega valorizava-se o individualismo, a preparação da personalidade para a vida e suas formas de expressão, pregava-se o uso da razão na vida. Os gregos referiam-se a educação como sendo questão importante na vida, sendo os primeiros povos a utilizar a palavra pedagogia, como sendo “o escravo que acompanhava as crianças à escola”. (MELLO, 2006).

A *Paidéia* foi à educação e formação humana dos gregos. A educação deveria ir além, preparando o homem para vivenciar sua “própria lei”. A educação grega passou pelo descobrimento da ciência, onde se provar algo passou a ser necessidade dessa civilização enraizava pelos mitos. Mais tarde a *Paidéia* iria torna-se uma “enciclopédia”, abrangendo a formação geral do homem, englobando escrita e cálculos, e o ajustamento da filosofia. As escolas mantinham-se organizadas por sete artes liberais: três disciplinas humanísticas

(gramática, retórica e dialética) e quatro disciplinas científicas (aritmética, música, geometria e astronomia). (Id. Ibid.).

A civilização romana se fez organizada por classes com “reis eleitos”. Os patrícios eram grandes proprietários de terra, que tinham o monopólio do poder e dos plebeus, pequenos proprietários. Após lutas frente ao Estado, ambos os proprietários tiveram igualdade na direção política da sociedade. A educação era baseada na transmissão de conselhos sobre a vida e na forma de trabalho que era repassada aos jovens, principalmente vindos da figura do pai. A civilização seguia um programa de atividades a serem vivenciadas na trajetória de vida, que era a agricultura, a guerra e política. Os romanos tinham a vocação pra orador por natureza, (MELLO, 2006). Ainda segundo o mesmo autor:

[...] quanto a seus ideais e práticas, pode ser dividida em dois períodos: um em que os seus ideais e práticas eram puramente romanos, e o outro em que dominava a influência grega e a educação adquiriu um caráter cosmopolita. [...] o lar foi a principal instituição educativa: a imitação, o método principal; a biografia e o processo prático da vida, os principais meios educativos. Nesse período, a mulher tinha um papel importante na educação familiar [...] a criança. Sob os cuidados da mãe ou da nutriz, crescia em casa, entre os brinquedos e com os colegas, onde recebia sua primeira educação. (Id., Ibid., p. 48-49).

No Império a educação é levada com um maior comprometimento, pois a expansão do Estado se fez por meio de funcionários mais preparados e que precisavam de saberes que iriam além dos habituais. Logo o Estado tornou a educação como uma de suas responsabilidades, incluindo o pagamento aos professores e liberação de impostos para cobrir esses gastos.

No período da Idade Média a educação era centrada nos ensinamentos do cristianismo, onde Igreja agregou o conhecimento necessário para o homem conduzir e reger sua vida. Defendiam ser “necessário que se continuasse o trabalho de ‘olhar o mundo’ (como os cuidados de Deus) por meio dos poderes e das leis divinas, da supremacia da fé e do poder da terra”. (Id., Ibid., p. 60).

De modo geral, a sociedade feudal não tinha instrução e as pessoas que tinham mais conhecimento eram os membros da Igreja. Por esse motivo, a Igreja utilizava a educação para converter pessoas às verdades dogmáticas. A educação ainda sim se restringia aos homens, deixando as mulheres afastadas da instrução, exceto as pertencentes às classes mais nobres.

Na contemporaneidade a educação passa por inúmeras transformações em seu processo. A sociedade vivia uma “revolução tecnológica digital”, facilitando a comunicação, a privatização dominava em vários setores, o capitalismo opera nas relações cotidianas fundada em acentuada divisão de classes sociais e o “desejo crescente de liberdade a qualquer preço”.

A sociedade foi vivenciando tantas outras modificações relacionadas às relações de trabalho. Com o capitalismo instala-se a competição para se alcançar grandes resultados financeiros, lucro imediato forjados no individualismo, corporativismo e produtivismo. Essa realidade vincula-se diretamente à escolarização, valorizando-a de modo acentuado, pois passa a ser fundamental qualificar-se para possuir atributos que atendam as demandas do mundo do trabalho. Contudo, a educação de qualidade não é acessível a todos, e a desigualdade de instrução e de oportunidades torna-se evidente, deixando as camadas mais pobres da sociedade relegadas à força de trabalho e aos cargos de menor remuneração, na maioria de esforço físico e com menor exigência intelectual.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ALFABETIZAÇÃO

A educação ofertada à criança dentro da família assume um papel fundamental na construção do sujeito. Os hábitos e atitudes dos pais na criação de seus filhos influenciam em seu desenvolvimento e comportamento. Esse primeiro contato na infância com os pais irá influenciar a educação e bem-estar da criança. Por isso os pais precisam tomar consciência de tal responsabilidade na formação desses indivíduos.

Os pais devem proporcionar possibilidades de ascensão no processo de conhecimento do mundo e nas oportunidades, protegendo dos malefícios, mas permitindo o descobrimento do espaço. Nesse sentido a família deve firmar uma parceria com a escola, baseada na união e compartilhamento da tarefa de educar, tornando o trabalho pedagógico participativo, e assim irá trazer bons resultados no processo de ensino e aprendizagem, para uma boa formação humana. Para Caetano:

[...] a participação da família é importante, mas a sua não participação não pode ser justificativa para o fracasso escolar, assim como a escola pode e deve realizar um trabalho de construção de parceria com a família; entretanto, isso não implica transformá-la imediatamente. Esse trabalho de transformação social é papel sim, da escola, porém, a longo prazo, acontece quando ela verdadeiramente assume tal tarefa. (2009, p. 53-54).

De acordo com Szymanski “Um passo importante para a construção de uma parceria entre escola e pais é considerá-los também como educadores, que tem o que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

transmitir e o que aprender”. (2009, p. 15). A família em certos olhares acaba sendo vista como não educadora, pois muitas vezes não possui o ensino formal que é necessário e cobrado pela sociedade ao indivíduo. Por existir essa visão por parte de muitos é que a família acaba não interagindo com escola. Morais alerta para dois tipos de comportamento da família diante de seu papel na educação de seus filhos:

Aquelas que demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos e filhas, integrando-se ao processo educacional participando ativamente das atividades da escola, sempre que possível; e aquelas que consideram que sua participação é dispensável ou inadequada preferem simplesmente omitir-se do processo escolar. (2003, p. 12).

Caetano aponta ainda a visão por partes dos discentes quanto à família de seus alunos:

Para os professores, é nítido nos dias atuais que os pais têm deixado de cumprir sua responsabilidade como educadores. Para tais profissionais da educação, eles vêm negligenciando o seu papel e buscam na escola muito mais do que ela pode oferecer. A função da escola é distinta da dos pais, e, realmente, isso é uma realidade. (Id., Ibid., p. 19).

A escola possui mecanismos diferentes de repassar a educação, não somente da “grade” de conteúdos específicos da área do saber científico, mas também quanto ao ensinar valores que já são trabalhados em um primeiro momento pela família, e serão reforçados pela escola, como ainda trabalha aspectos motores, visuais e perceptivos, dentre outros, que não são diretamente trabalhados pela família. Mas a escola acaba sendo percebida como transmissora de conteúdos tradicionais, e não como fortalecedora dos conhecimentos e valores vistos dentro da família.

Na tarefa de educar, a família carrega o papel de alicerçar a criança para que haja o favorecimento da ação de educar. Szymanski diz “as famílias tem de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor, amoroso” (Id.; Ibid., p. 98). A vivência num ambiente com tais características irá facilitar o processo.

Ainda segundo Szymanski (2009) é fundamental que haja, sobretudo, o “respeito mútuo” nessa relação entre ambas às instituições, pois irá contribuir para a delimitação das competências de cada uma na aprendizagem escolar. O que vêm acontecendo na atualidade, é que na tentativa de compreender e cumprir a tarefa de cada uma, acabam ambas não realizando de forma qualitativa sua função, atribuindo a outras acusações pelo mau funcionamento.

É preciso existir a consciência sobre a necessidade do acompanhamento da família para a efetivação do sucesso escolar, pois até a cobrança por parte dela quanto à qualidade e comprometimento da escola favorece o processo educativo da criança, conforme evidencia Heindrich:

Para isso, é preciso orientar os pais e subsidiá-los com informações sobre o processo de ensino e de aprendizagem, colocá-los a par dos objetivos da escola e dos projetos desenvolvidos e criar momentos em que essa colaboração possa se efetivar. (2009, p. 26).

Assim como também é de fundamental importância que a escola busque essa família e seu contexto, pois na atualidade, em vista de tantas (re)configurações dentro do espaço familiar, é necessário conhecer a família do aluno, independente do arranjo familiar que se apresente, mas aprofundando laços com essa família. É possível fazer uma prática educativa baseada, sobretudo, na bagagem trazida pela criança das experiências adquiridas na convivência com sua família, considerando seu aprendizado também vivido na comunidade. Assim as chances da ação pedagógica acontecer positivamente serão maiores.

Havendo o conhecimento por parte do professor acerca do contexto familiar e social, pode partir dessas experiências e organizar o processo de ensino-aprendizagem, pois entendendo as particularidades desse ambiente, é possível trabalhar os possíveis problemas, na tentativa de amenizá-los ou solucioná-los, para que assim o aprendizado ocorra de forma esperada por todos. Conhecendo essas famílias, é possível para escola ter a postura educativa que lhe cabe, realizando sua prática pedagógica com competência.

Tendo em vista a dissolução da confusão de papéis entre escola e família no processo de ensino e aprendizagem, faz-se necessário a busca de meios para haver a interação entre essas instituições. Duas formas de aproximação são apontadas como as mais comuns e que podem promover o diálogo. Uma seria a reunião de pais e mestres, encontro que é feito com o objetivo, em muitos casos para apresentar queixas sobre os alunos, principalmente por parte dos professores, destacando o insucesso dos que apresentam grandes dificuldades, sejam de aprendizagem ou comportamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual muito se tem discutido acerca da relação escola e família. Ambas possuem uma importância relevante no processo de ensino e aprendizagem, diante dos resultados obtidos por este estudo, ficou nítido que a família é indispensável para o desenvolvimento educacional do indivíduo, independentemente de sua formação, grau

cultural ou social, pois é, no meio familiar que a criança tem seus primeiros contatos com o mundo externo.

Através da pesquisa com as famílias, percebemos que o posicionamento dos pais em relação à escola e aos processos de aprendizagem dos filhos é positivo, sendo que a maioria busca estabelecer uma relação amigável com a escola, e apresentam-se conscientes da importância dessa aproximação quanto a aprendizagem dos filhos e seu sucesso escolar. Percebemos ainda que participação da família na escola baseia-se, especificamente, em dois momentos, nas reuniões e nos encontros no início e fim das aulas, onde pais e professores trocam informações sobre a aula e os acontecimentos mais relevantes do dia. Foi possível perceber que esses agentes, de certa forma encontram-se preocupados com a formação do aluno e têm procurado cumprir com a função de educar.

Quanto aos modos e contextos de participação da família na organização da escola, percebemos a carência e necessidade de gerar condições para que os pais possam participar com efetividade das tomadas de decisões e organização democrática da mesma. Por fim, identificamos a importância da professora da turma, na criação de vínculos educacionais já que sempre se mostrava disposta a colaborar e dividir com a família informações importantes sobre a prática educacional.

Os resultados obtidos aparentemente não demonstraram um grande desequilíbrio na relação entre família e escola, porém, o tema escolhido para estudo é amplo e, não se restringe apenas ao que foi levantado nesta pesquisa, com certeza, poderíamos abordar inúmeras situações dentro do contexto família-escola, bem como aprofundarmos estudos acerca dos demais fatores que influenciam no processo de alfabetização das crianças. A temática em questão deve ser discutida de forma multidisciplinar, envolvendo áreas do saber como: Sociologia, Filosofia, Psicologia, entre outros, a fim de colaborar para a formação humana. Aos educadores cabem buscar novas estratégias de ensino com o objetivo de alcançar às famílias que se fazem ausentes, insistir e mostrar que os filhos precisam do apoio e acompanhamento durante essa longa jornada de erros e acertos que constitui os percursos escolares e o processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ricardo de Andrade. **Interação família e escola**. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Faculdades de Ciências Aplicadas “Sagrado Coração”. Araçá: Linhares, 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 57, de 18 de dezembro 2008**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

BRASIL. Lei nº 9,394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional-LDB**. Brasília, DF, 1996.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1995.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

HEIDRICH, Gustavo. A escola da família: 13 ações eficientes para que essa parceria ajude na aprendizagem dos alunos. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril Editora. Ano 1, n. 3, pp. 24-31, ago./set. 2009.

LUDKE, M & ANDRÉ, M.E.D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANCINI, Ana Paula. A educação na idade média. In: SOUZA, Neusa Maria Marques de; Ana Paula Mancini et al. **História da educação**. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 59-77.

MELLO, Lucrecia Stringheta. A educação na antiguidade. In: SOUZA, Neusa Maria Marques de. (org); Ana Paula Gomes Mancini et al. **História da educação**. São Paulo: Avercamp, 2006. p. 15-57.

PARO V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000. 126 p.

SZYMANZKI, Heloísa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber Livro, 2009. 136p.